

Matérias na TV sobre *graffiti* feitos por mulheres: visibilidade feminina em construção¹

Fernanda de Façanha e Campos²

Frederico Braida³

Antonio Colchete Filho⁴

Iluska Maria da Silva Coutinho⁵

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este artigo trata sobre a representação de mulheres grafiteiras em matérias de telejornalismo local. A pesquisa partiu da seguinte questão: como a mulher grafiteira é representada em matérias de telejornalismo local? Sendo assim, tem o objetivo de evidenciar a participação das mulheres grafiteiras em matérias de telejornalismo local, a partir de suas falas e em seus *graffiti*. Trata-se de um artigo resultado de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratória, na qual foi empregada, para a coleta de dados, pesquisa bibliográfica e documental. Fizeram parte do corpus da pesquisa três matérias jornalísticas de emissoras regionais brasileiras. Verificou-se que a mulher grafiteira é representada nas matérias de telejornalismo local com ênfase no trabalho realizado por elas nos muros, contribuindo assim para a visibilidade de sua produção.

PALAVRAS-CHAVE: *graffiti*; cidade; telejornalismo; mulher; comunicação.

1. Introdução

Em um mundo cada vez mais urbanizado, as cidades têm se revelado lugares de expressão para seus diferentes moradores. Cada vez mais há interesse pelo que se realiza fora dos grandes centros e, também, nas periferias das cidades, como meio de se buscar o singular e o autêntico em um mundo repleto de referências globalizadas. Nesse registro,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora; participa do Grupo de Pesquisa Leaud - Laboratório de Estudos das Linguagens e Expressões na Arquitetura, no Urbanismo e no Design. E-mail: fernanda.facanha@estudante.ufjf.br.

³ Professor Associado do Departamento de Projeto, Representação e Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo; Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutor em Design; líder do Grupo de Pesquisa Leaud - Laboratório de Estudos das Linguagens e Expressões na Arquitetura, no Urbanismo e no Design. E-mail: frederico.braida@arquitetura.ufjf.br.

⁴ Professor Titular do Departamento de Projeto, História e Teoria da Arquitetura e Urbanismo; Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído, Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutor em Ciências Sociais; líder do Grupo de Pesquisa Ágora. Bolsista de Produtividade CNPq – Nível 2. E-mail: arqfilho2@lwmail.com.br.

⁵ Professora associada ao curso de Jornalismo e do PPGCOM (UFJF), é coordenadora do NJA - Núcleo de Jornalismo e Audiovisual, vinculado à Rede Teletor, e desenvolve pesquisas com financiamento da FAPEMIG, Capes e CNPq. E-mail: iluska.coutinho@ufjf.br.

o espaço público se torna uma arena de interesses e também conflitos diversos que são negociados o tempo todo (BORJA, 2003).

Para o *graffiti*, a cidade é um lugar a ser desbravado. Há apropriações diversas, desde empenas de edifícios cedidas legalmente e com contrato firmado com artistas que são personalidades no mundo da arte hoje, muros em espaços públicos degradados. A cidade torna-se o espaço de expressão por meio de linguagens marginais, como o *graffiti* e o *pixo*. Araújo, Martins Filho e Marinho (2015, p. 107) compreendem que nesse espaço citadino, as escritas nos muros contam as histórias da cidade, com ênfase às demarcações de território e luta pela hegemonia. Assim, os autores entendem então que a cidade é vista como um aparato de comunicação.

O tema proposto neste artigo é a relação entre matérias sobre *graffiti* em reportagens veiculadas na televisão e o olhar que se tem aos *graffiti* produzidos por mulheres. Para isso, utiliza-se como referências as considerações de Temer (2020; 2019), Cerqueira (2018), Thomé, Silva, Reis e Andrade (2021) e Becker (2012) sobre os conceitos televisivos. O *graffiti*, linguagem tipicamente da rua, guetos e de locais marginalizados, é uma das expressões com origem do Hip Hop, movimento que surgiu na década de 1970 nos Estados Unidos. Rose (1994, p. 2), ao contextualizar a história do rap, explica que assim como o *graffiti*, ele surgiu na década de 1970, em bairros periféricos da cidade de Nova Iorque. Essa cultura, conforme a autora, é composta pelos jovens afrodescendentes e caribenhos. Nessa época, o período histórico era marcado pelo crescimento urbano e encolhimento da expansão industrial das grandes cidades.

Gitahy (2011, p. 16) define o *graffiti* como as inscrições e marcas feitas no espaço da cidade, podendo ser realizada em diferentes suportes, como o muro, paredes, postes e calçadas. Campos (2010, p. 113) considera que o princípio do *graffiti* é a *tag*, que significa a assinatura do grafiteiro, visto no movimento como o principal identificador de um grafiteiro. “O *tag* é o elemento mais primitivo e basilar daquilo que é o *graffiti*. Não existe *writer* sem *tag*, tal como não existe *graffiti* sem *tagging* (a ação de disseminação do *tag*)” (CAMPOS, 2012, p. 113).

Também se justifica o uso da palavra *graffiti*, escrito em itálico e no singular, escrita adotada como base nesse artigo. Gitahy (2011, p. 13) fundamenta que *graffiti* é originada da palavra italiana *grafitto*, que significa inscrição ou desenhos de épocas antigas. “*Graffiti* é o plural de *grafitto*. No singular, é usada para significar a técnica

(pedaço de pintura no muro em claro e escuro). No plural, refere-se aos desenhos (os *graffiti* do Palácio de Pisa)” (GITAHY, 2011, p. 13).

Dessa forma, outra questão relevante no *graffiti* é a relação com a visibilidade, conceito que, conforme Campos (2016, p. 54), relaciona-se diretamente com o “ver” e “ser visto”. Esse significado é atribuído aos diferentes olhares que se pode ter diante do mesmo fenômeno. “Não apenas aquilo que vemos se encontra invisível para alguns, como aquilo que outros veem se nos encontra tantas vezes vedado”. (CAMPOS, 2016, p. 54)

Paralelo a esse tema, as mulheres têm participado de movimentos que, há alguns anos, eram atribuídos apenas a homens. Mas, a busca por esse espaço feminino em diferentes âmbitos sociais é de suma importância. No *graffiti*, essa procura não é diferente. Com o passar dos anos, as mulheres têm obtido destaque no cenário do *graffiti* nacional, movimentando a cena com eventos, projetos, murais e traços diversos.

Sobre a perspectiva da participação feminina no movimento Hip Hop, Matsunaga (2008, p. 109), ao pesquisar sobre a representação da mulher em letras de rap, pontua que em shows e eventos realizados pelos jovens do Hip Hop, a participação feminina era tímida. “Nestes momentos de diversão, as mulheres quase sempre ‘acompanhavam’ os homens” (MATSUNAGA, 2008, p. 109). Sob o olhar no *graffiti*, Magro (2003, p. 49) reforça que a falta da participação feminina é decorrente por não haver um papel ativo e crucial na produção dessas culturas.

Já Silva (2008, p. 39) interpreta que a subordinação e opressão vivida por mulheres em diferentes momentos em sociedade é fruto de uma construção social na vida delas. “[...] Ou seja, nas suas práticas políticas, sociais, econômicas, culturais e inclusive nos novos movimentos sociais, como na expressão artístico – visual do hip hop, o grafite”. (SILVA, 2008, p. 39).

Com isso, ao analisar matérias e reportagens sobre o *graffiti*, percebe-se que há limitações nessa cobertura, por ser um universo tipicamente masculino, as mulheres podem acabar sendo “esquecidas”. Entretanto, sugestões de pauta com a temática de mulher no *graffiti* e sua participação ativa nas culturas de rua podem contribuir para mudanças sociais. Cerqueira (2018, p. 159) considera que, apesar de atualmente haver diferentes formas de obter informações, com meios e plataformas diversas, o telejornalismo continua sendo uma referência e fonte segura para informar-se.

Considera-se que essa cultura de rua ainda é um espaço com maior participação masculina, mas as mulheres, aos poucos, estão conquistando seu espaço e trilhando os próprios caminhos. Assim, a questão a ser respondida é: como a mulher grafiteira é representada em matérias de telejornalismo local?

Esse estudo é caracterizado como uma pesquisa de revisão bibliográfica, em literatura especializada sobre o tema, tendo como foco a compreensão dos *graffitis* femininos em matérias televisivas, a partir de três matérias, sendo elas: “Linha de Frente: O Grafite em Prol da Mulher” (2016), publicado pelo canal Jornalismo TV Cultura; “Artista decidiu capacitar mulheres para desenvolver os desenhos de grafite” (2017), realizada pela Tv Brasil; e “Projeto valoriza trabalho de mulheres no grafite na região da Grande São Paulo” (2020), veiculada pelo canal Band Jornalismo.

O objetivo deste trabalho é evidenciar como a mulher grafiteira é representada em matérias de telejornalismo local, focando nas imagens dos *graffiti* mostrados e nas falas dessas mulheres em determinadas matérias.

2. Telejornalismo local: modos de produção e prática

No Brasil, assim como em diversos outros países, a televisão é um meio de comunicação potente. Temer (2020, p. 361), em seu trabalho, evidencia a chegada da televisão no Brasil e a importância que esse veículo teve para o debate nacional de diferentes assuntos, desde os mais cotidianos aos mais impactantes. Assim, ao comentar sobre o modelo de funcionamento de um jornal, a autora relembra o padrão marcante do Repórter Esso, caracterizado pelo suporte de grandes anunciantes. Outro padrão que se tornou referência foi a estética adotada no Jornal Nacional, da emissora Globo do Rio de Janeiro.

Temer (2020, p. 364) enfatiza o uso de imagem como um dos principais suportes narrativos. “O público local foi seduzido pelo poder das imagens e quando, poucos anos depois, a emissora coloca no ar o Jornal Nacional, o telejornal que já surge apoiado em uma estética de valorização das imagens e no suporte tecnológico” (TEMER, 2020, p. 364).

Temer (2020, p. 364) explica também que a programação nacional nas televisões passa a ser mais televisionada do que as produções locais, mesmo elas resistindo. A consideração que se tem do telejornalismo local é de uma “rede” menor na programação,

com um desenvolvimento técnico considerado inferior. Entretanto, houve uma mudança significativa com o surgimento de programas com apelo sensacionalista, linguagem mais popular e temática centrada à violência urbana. “Essa situação vai mudar com o surgimento das novas redes na década de 1980, e a conseqüente chegada de produtos que, tendo formatos similares ao do telejornal, se sobressaem pelo apelo sensacionalista” (TEMER, 2020, p. 365). Temer (2020, p. 653) afirma que a emissora ajustou o jornalismo local com uma proposta de jornalismo comunitário, com reportagens que tinham o objetivo de comunicar os problemas que atingiam bairros e comunidades.

Em outro estudo, Temer (2019, p. 4) explica que o telejornalismo é sempre estratégico, podendo comunicar sobre diferentes realidades, com objetivos distintos. “[...] resultado de um processo produtivo organizado e controlado, o modelo foi implantado em diferentes formas nas diferentes praças - ou seja, diferentes regiões e diferentes realidades. No entanto, o modelo obteve diferentes níveis de aceitação popular- ou seja, de audiência”. (TEMER, 2019, p. 4).

Conforme Cerqueira (2018, p. 159), o telejornalismo é constituído por linguagem, tecnologia e diferentes modos de conhecimento. O autor acrescenta ainda que as funções do telejornalismo são: atualidade, objetividade, publicização, pedagógica e de entretenimento. É reiterado que a função do telejornal em si está relacionada com as relações sociais em si, interpessoais, já que as informações recebidas sejam elas de qual temática for servem para atualização diária. Entretanto, o autor considera que ela vai além disso: “Ela é uma espécie de combustível para as relações sociais. Estar alheio ao que acontece ao mundo torna as interações mais difíceis” (CERQUEIRA, 2018, p.159). O autor afirma que o jornalismo é um campo de conhecimento e produtor de um conteúdo singular que possui sua força ampliada no telejornalismo, por ser responsável por um alcance de massa. Sendo assim, interpreta-se que informações são obtidas através dos telejornais e podem ser primorosas para uma mudança de olhar do telespectador.

Em um estudo sobre o RJTV 1ª Edição, Becker (2012, p. 80), ao tratar sobre o telejornalismo local e a relação com as vozes da comunidade, pontua que os noticiários locais utilizam estratégias enunciativas para interagir com a audiência. Assim, resulta-se em funções consideradas pela autora como distintas e complementares, sendo estas: “informar, mediar, orientar, prestar serviço e promover a cidadania. Na tentativa de

conquistar a cumplicidade dos telespectadores, esses telejornais se oferecem como aliados da população na defesa dos seus direitos” (BECKER, 2012, p. 80).

Becker (2012, p. 78) observa que os meios de comunicação social apresentam à comunidade temáticas e indivíduos que irão promover um debate social, correlacionando assim a agenda dos media e a agenda pública. A autora reflete que, não necessariamente, há por parte dos programas noticiosos e empresas a qual pertencem, um questionamento sobre a natureza da realidade em que aquela notícia está sendo veiculada. Dessa forma, a autora pontua que há essa prestação de serviço para a comunidade com informações que podem contribuir para a qualidade de vida da população.

Entretanto, o telejornalismo apresenta mudanças frequentes, principalmente ao pontuar-se as temáticas trabalhadas e o uso das novas tecnologias cada vez mais promissoras para a realização de atividades jornalísticas. Em um estudo sobre a cobertura feita durante a Covid-19 no Rio de Janeiro, os autores Thomé, Silva, Reis e Andrade (2021, p. 72) refletem que a trajetória do telejornalismo vem sendo construída de forma muito dinâmica e determinam que isso deve-se principalmente a quatro justificativas: “[...] pelas mudanças tecnológicas, pelos novos contextos comunicacionais, por alterações no modo de narrar, tendo como foco sempre sua função de informar” (THOMÉ; SILVA; REIS; ANDRADE, 2021, p. 72). Os autores percebem que a função do telejornal foi mantida, mas houve modificações no modo como se constrói e como se leva a notícia ao telespectador, pois avaliam que há variações na tecnologia, na relação com o público e o uso da narrativa a cada momento.

Thomé, Silva, Reis e Andrade (2021, p. 76) afirmam, concordando com Temer (2020) e Cerqueira (2018), que se compreende o telejornalismo como uma instituição de produção de conhecimento e construção social. Tem-se esse fato com base nas rotinas produtivas e em uma série de critérios de noticiabilidade variáveis e flexíveis.

Ao ser pautado em telejornais a temática da mulher no *graffiti*, também utilizam os critérios de noticiabilidade para a construção da matéria. Como explicado por Becker (2012, p. 78), os telejornais podem publicar essa temática com o objetivo de prestar serviço a comunidade com informações que podem contribuir para aquele local.

3. Metodologia

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa⁶ caracteriza-se como qualitativa, exploratória e documental, por, além de lançar mão de fonte bibliográfica, adota material telejornalístico para a composição do corpus de análise. Para seleção do material a ser analisado, foi feita uma busca de matérias no *Google* com as palavras-chaves: mulher, tv, grafite, sem haver uma determinação temporária. O termo buscado foi “grafite”, com essa escrita a partir da hipótese de que é a forma como comumente é escrito em matérias jornalísticas.

Com isso foram encontradas matérias de diferentes tipos, formatos e emissoras. Foram selecionadas apenas matérias que estivessem publicadas no canal do *YouTube* dos respectivos veículos. O intuito era encontrar matérias veiculadas em emissoras regionais de televisão no Brasil que fossem feitas por repórteres mulheres. Foram escolhidas matérias que tivessem relação direta com os termos buscados, já que o foco eram os *graffiti* feitos por mulheres e que houvesse falas de mulheres. As buscas foram realizadas em fevereiro de 2022 e atualizadas em julho de 2022. Para o recorte, foram selecionadas três matérias de televisão, publicadas em redes locais de emissoras brasileiras.

Para análise das matérias, estabeleceu-se um roteiro, o qual contemplou: (a) dados gerais da matéria: o título, a data de veiculação, a emissora, a duração da matéria, emissora, o repórter que o realizou (se é homem ou mulher), o cinegrafista; (b) conteúdo da matéria: o tema da reportagem, a entrevista com grafiteiras (se há possíveis falas que demonstram a sua representação no *graffiti*) e as imagens do *graffiti* mostradas na matéria. Com base nessas informações, foram trazidas falas das grafiteiras, a fim de compreender como elas são representadas nas matérias. Adotou-se os termos “matéria 1”, “matéria 2” e “matéria 3”, para identificação das matérias neste texto: matéria 1: “Linha de frente: o grafite em prol da mulher”⁷, Jornalismo TV Cultura, veiculada em 29 de janeiro de 2016; matéria 2: “Artista decidiu capacitar mulheres para desenvolver os desenhos de grafite”⁸, Tv Brasil, veiculada em 1 de fevereiro de 2017; e matéria 3: “Projeto valoriza trabalho de

⁶ A pesquisa foi originalmente desenvolvida no âmbito da disciplina “Jornalismo Audiovisual em múltiplas telas: rupturas e permanências”, ministrada pela Profa. Dra. Iluska Coutinho, com a participação de professores convidados, no Programa de Pós-graduação em Comunicação, da UFJF, e atualizada para apresentação no Intercom 2022.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5qP8-Cxpib0&t=1s>. Acesso em: 18 jul. 2022.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Eyg7l6KQjGk>. Acesso em: 18 jul. 2022.

mulheres no grafite na região da Grande São Paulo”⁹, Band Jornalismo, veiculada em 4 de agosto de 2020.

4. Visibilidade nas telas: o *graffiti* feminino nas matérias de televisão

A fim de compreender as representações, utilizou-se dados colhidos e organizados em um quadro, a fim explicitar melhor sobre as informações de cada matéria. Há matérias que não possuem informações como data e cinegrafista. Entretanto em todas elas há o foco nas mulheres e há entrevistas com mulheres grafiteiras ou em aprendizado.

Quadro 1: estruturação da análise das matérias

	Matéria 1	Matéria 2	Matéria 3
Título	“Linha de frente: o grafite em prol da mulher”	“Artista decidiu capacitar mulheres para desenvolver os desenhos de grafite”	“Projeto valoriza trabalho de mulheres no grafite na região da Grande São Paulo”
Data de veiculação	29 de janeiro de 2016	1 de fevereiro de 2017	4 de agosto de 2020
Duração	2:13	2:04	2:00
Emissora	Jornalismo TV Cultura	Tv Brasil	Band Jornalismo
Repórter (jornalista responsável)	Gabriela Mayer	Tatiane Costa	Maiara Bastianello (Repórter) Cris Santos (Produção)
Cinegrafista (imagens)	Não informado	Albert Einstein	Maciel Alves
Tema	Panmela Castro e a Rede Nami	Oficina de <i>graffiti</i> realizada por Edi Bruzaca, em São Luís, com o objetivo de trazer mais mulheres para grafitar nas ruas	Projeto de murais de <i>graffiti</i> feito por 17 mulheres com o objetivo de revitalizar uma região de Itapevi
Entrevista com grafiteiras	Fala única da grafiteira Panmela Castro	Participantes da oficina Danielle Fonseca (professora) e Regina Borba (designer)	Entrevistas com as grafiteiras: Tuka, Aline Awel e Walléria Miguel
Imagens do <i>graffiti</i>	Sim	Sim	Sim
Local	Rio de Janeiro, RJ	São Luís, MA	Itapevi, SP

Fonte: dos autores, 2022.

Na matéria 1, tem apenas uma entrevistada, com a grafiteira Panmela Castro, fundadora da rede Nami. A estrutura da matéria se remete a um quadro de um programa, em que no título dela há “Linha de Frente” e há apenas uma sonora da entrevista junto

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ufcRlaYHNt4>. Acesso em 18 jul. 2022.

com imagens. Toda a reportagem é apenas a fala de Panmela, em que se percebe uma condução a partir de possíveis perguntas a partir das respostas da entrevistada, como: Quem é ela? Onde nasceu? O que faz? O que é a Rede Nami e como é feito o trabalho dessa rede? Por que as oficinas da Rede Nami são sobre *graffiti* com a temática da lei Maria da Penha? Qual local de foco do projeto? Quais perspectivas de futuro?

Na matéria, Panmela Castro narra principalmente sobre o que é a Rede Nami e como o *graffiti* é utilizado pelo projeto a fim de promover o direito das mulheres, indo às comunidades e conversando com mulheres sobre gênero e a posição da mulher na sociedade. Durante a fala da grafiteira há imagens dela e de outras mulheres realizando *graffiti*, compondo uma matéria com um visual colorido e com momentos variados de uma preparação de *graffiti*, desde a marcação do muro a composição final dele.

Falamos sobre a Lei Maria da Penha em toda a estrutura que ela oferece pra mulher, que a maioria das pessoas não conhece. As oficinas são de grafite, por quê? Na comunidade fica difícil você chegar e falar ‘ah vamos falar sobre violência doméstica’, né? A menina que sofre, a mulher que sofre, ela tem vergonha de vir e falar que sofre e as demais acham que isso não vai acontecer com ela. Então quando a gente fala, olha, vamos fazer um grafite e elas vem a gente fala, olha, mas a temática é a mulher, é a Lei Maria da Penha. Então o *graffiti* é uma ferramenta pra você chegar nessas mulheres. (LINHA..., 2016)

Ou seja, a grafiteira explica como o *graffiti* pode ser usado como uma ferramenta de aproximação às mulheres vítimas de violência doméstica e entendimento daquela realidade. A dúvida que fica é se há iniciativas feitas após o conhecimento do fato, se o projeto orienta aquela mulher a realizar a denúncia.

A matéria 2 inicia com a repórter, Tatiane Costa, em *off*, apenas o áudio, explicando a relevância de mulheres estarem grafitando nas ruas e conta que em São Luís (MA) existem apenas quatro mulheres grafiteiras. Durante esse início, a repórter não aparece, o telespectador escuta as informações em *off* enquanto há imagens de ilustrações em papéis e de mulheres realizando desenhos em uma mesa. O primeiro entrevistado é o grafiteiro Edi Bruzaca, que apresenta o projeto como uma ideia após a realização de uma pesquisa que constatou que não existem mulheres que pintam em determinados lugares. Na fala dele não há uma especificação de que pintura é essa, de que lugares são esses. Após isso, a repórter explica em *off*, que houve a realização de uma oficina durante cinco dias para ensinar a história do *graffiti*, a origem, os estilos que possuem e praticaram, inicialmente em papéis, seus desenhos.



Figura 1: Print de tela da matéria “Artista decidiu capacitar mulheres para desenvolver os desenhos de grafite”, em 1:57min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Eyg7l6KQjGk>. Acesso em: 18 jul. 2022.

Nesse momento, entra a primeira entrevistada, Danielle Fonseca, Professora, que destaca a importância do debate de buscar espaço e respeito para as mulheres no ambiente da rua e fala que foram essas propostas que a levaram até aquela oficina. Depois desse momento, volta para o *off* da repórter e dá continuidade a uma passagem, com a imagem do local que foi realizado o mural de *graffiti*: em tapumes externos de uma antiga loja no centro histórico da cidade que está fechada há muito tempo para obras. Depois dessa explicação, há a segunda entrevistada, a designer Regina Borba, que explica a existência de várias facetas das mulheres naqueles *graffiti*. “Uma hora ela está punk outra hora ela está mulherzinha outra hora ela está empoderada. É assim a gente é: mil e uma facetas né” (ARTISTA..., 2017).

É importante destacar que nenhuma das mulheres entrevistadas da segunda matéria se identifica como grafiteira, elas apenas explicam a importância daquele espaço de aprendizagem. É interessante observar que essa matéria traz um olhar de descoberta e de novas possibilidades no *graffiti* de São Luís com a presença feminina. A todo momento, na fala em *off* ou nas passagens da repórter é explicitado a necessidade do respeito às mulheres nas ruas, da presença delas no ambiente da cidade e na realização de *graffiti*. Porém, na matéria, não há uma maior referência das vozes femininas no *graffiti* em São Luís, provavelmente por ainda estarem em processo de descoberta.

A matéria 3 inicia com a repórter Maiara Bastianello em *off*, contando que um local na cidade de Itapevi (SP), que antes era cinza, foi modificado pelas cores trazidas pelas mulheres: um projeto que contou com o trabalho de 17 grafiteiras de Itapevi e da região de São Paulo. Após o *off*, inicia-se uma passagem e em seguida uma sonora com a

primeira entrevistada, a grafiteira Tuka. Ela conta que passava pelo local e o ambiente era precário, não havia iluminação. “Era todo pichado. É um pouco perigoso, sim pra mulher passar, principalmente a noite. Não tinha como” (PROJETO..., 2020). Após essa primeira entrevista, volta ao *off* da repórter e há o destaque de que com o muro renovado, os moradores fazem questão de passar por ali. Com essa fala é mostrada uma sonora com dois moradores, um homem e uma mulher não identificados pelas legendas presentes na matéria, que comentam que o trabalho das grafiteiras ficou lindo e a mulher expressa que se sentiu representada.

Pontua-se uma importante questão dessa matéria: não há sincronia dos nomes dos entrevistados com suas falas nas legendas presentes durante a reportagem. Sendo assim, os entrevistados Igor Soares, Aline Awel e Walléria Miguel foram identificados nessa pesquisa através de busca no *Google*.

Na continuidade da matéria, a repórter em *off* e com imagens dos *graffiti* realizados explica que, no todo, os murais realizados naquele projeto possuem dois mil metros de extensão. Além disso, a jornalista explica que eles são a segunda parte de um projeto de revitalização dos muros do corredor oeste, localizado às margens dos trilhos da CTPM. Após essas informações é mostrada uma sonora com o prefeito de Itapevi, Igor Soares, que ressalta a importância da cultura e da arte para o desenvolvimento da cidade.

Depois disso, a repórter volta com o *off* e diz que mesmo em pouco tempo de realização daqueles murais já há inspirações. Com isso, é mostrado uma sonora com a segunda grafiteira, identificada como Aline Awel, que explica sobre um encontro que teve durante as pinturas dos muros:

Eu fiquei muito emocionada com uma senhorinha que chegou em mim e falou ‘aí eu estou tão inspirada dá vontade de chegar, de voltar a pintar’ e ela era bem senhorinha mesmo. E ela perguntou até se ela poderia pintar o muro se ela trouxesse tinta. Eu achei aquilo tão incrível sabe?” (PROJETO..., 2020).

Em seguida a essa fala, há uma terceira sonora com outra grafiteira, Walléria Miguel, que relata a conexão de outras mulheres que passavam ali durante o momento em que ela pintava. Atrás de Walléria está seu *graffiti* com a frase escrita em letras em caixa alta e de fácil leitura: “seja forte e corajosa”. Durante a fala dela, as imagens desse *graffiti* são passadas para ficar mais claro que frase ela havia grafitado.



Figura 2: Print de tela da matéria “Projeto valoriza trabalho de mulheres no grafite na região da Grande São Paulo”, em 1:35min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ufcRlaYHNt4>. Acesso em: 18 jul. 2022.

Por fim, a repórter volta em *off* com imagens dos *graffiti*, explicando que a ideia do projeto é que a arte de rua chegue a outros pontos da cidade. A matéria é finalizada com a fala de Isaac, filho de dois anos de Aline Awel, identificada como mãe dele apenas pela imagem dos dois brincando em frente ao muro. De uma forma lúdica, a repórter pergunta a Isaac, que está no colo de um homem (não identificado), se ele gosta do desenho feito pela mamãe, ele responde que sim de forma espontânea, cheio de fofura.

4. Discussão

Analisando as matérias com base nos critérios selecionados (título, data de veiculação, emissora, duração da matéria, repórter que o realizou, cinegrafista, tema da reportagem, a entrevista com grafiteiras e as imagens do *graffiti* mostradas na matéria), conclui-se que, a partir desse recorte, mesmo que seja pequeno, há a representação da mulher em matérias de televisão com o ponto de vista delas sobre o trabalho realizado nos murais contemplados nas matérias. Cada matéria analisada possui diferentes objetivos, mas em todas há a imagem feminina e os *graffiti* feitos pelas mulheres como objeto central.

Destaca-se que três matérias foram feitas por repórteres mulheres e possuem o tempo médio de dois minutos. Apenas duas matérias possuem a identificação dos cinegrafistas, e os dois são homens. As temáticas abordadas estão em volta de projetos e oficinas realizados em diferentes cidades brasileiras, em que as temáticas abordadas são o projeto Rede Nami no Rio de Janeiro, a oficina de *graffiti* realizada por Edi Bruzaca em

São Luís e o projeto de murais de *graffiti*, com a extensão de dois quilômetros, feitos por 17 mulheres em Itapevi.

As três matérias utilizam das imagens dos *graffiti* e de entrevistas com mulheres, somente no caso da matéria sobre a oficina nenhuma delas se considera ainda grafiteira (informações obtidas com base nas legendas das reportagens). Os locais em que essas matérias foram veiculadas são em dois estados do Sudeste e um estado do Nordeste, que mesmo que seja de um mínimo recorte pode mostrar de alguma forma a centralidade desse movimento no Brasil na região Sudeste.

Além disso, as matérias trazem com base nas entrevistas realizadas a cada uma das mulheres grafiteiras a força que uma mulher traz a outra ao exercer práticas consideradas socialmente como não tradicionais para mulheres. Pabón (2016, p. 79) contextualiza que a história do *graffiti* não foi escrita pela perspectiva feminina ou pelo menos não se considera a condição do gênero nessa subcultura. Entretanto, pela fala das grafiteiras e pelas imagens mostradas nas matérias, percebe-se a busca frequente pela realização de *graffiti* que contemplem o universo feminino, com frases que dão força às mulheres, com imagens de mulheres em diferentes situações (segurando um arco e flecha, em cima de um barco, rostos com flores).

Em reflexão sobre a invisibilidade das grafiteiras nas cidades, Torres (2019, p. 258) discute que a presença do corpo feminino retoma a importância a partir da realização de obras que ressignifiquem a presença das mulheres na cidade realizando *graffiti*. Ou seja, a visibilidade das mulheres e de seus trabalhos nas ruas é a questão principal. Ao ser veiculada em programas de televisão e em matérias televisivas, há a oportunidade de ser visto – não só a obra (*graffiti*), como a autoria (feita por mulheres).

5. Considerações finais

A mulher grafiteira é representada nas matérias de telejornalismo local, a partir do recorte proposto, com ênfase ao trabalho realizado por elas nos muros trazendo visibilidade a sua produção com base em notícias que surgiram por meio de projetos ou iniciativas que incentivavam aquela ação de *graffiti*. Por exemplo, na matéria 1 é exposto a importância do uso do *graffiti* como uma ferramenta de aproximação das mulheres a fim de compreender a realidade de uma comunidade específica. Na matéria 2, apesar do desenvolvimento do projeto ser realizado por um grafiteiro, há a perspectiva de

contribuição ao movimento feminino que naquela localidade durante aquele período ainda não possuía muitas representantes. Na última matéria, mostrou-se que as mulheres também lideram grandes projetos e dão conta de realizar um mural de dois quilômetros com *graffiti* que possuem mensagens que podem contribuir aos moradores da região.

Em uma perspectiva futura, esta pesquisa pode ocorrer com o aumento do escopo investigado ao se pensar outras regiões brasileiras, sendo verificado um maior número de matérias a fim de compreender se os resultados serão mantidos uma constância. Com isso, será buscado mais evidências e possibilidades que os trabalhos de *graffiti* feitos por mulheres também atingem o público e podem causar um grande impacto de reflexões e críticas através daquela imagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alessandra Oliveira; MARTINS FILHO, Tarcísio; MARINHO, Lucas. Muros que falam: a comunicação na cidade. **Revista Humanidades**, Fortaleza, v. 30, n. 1, p. 99-114, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6168756>. Acesso em: 29 jun. 2022.

ARTISTA decidiu capacitar mulheres para desenvolver os desenhos de grafite. 1 vídeo (2 min). Repórter: Tatiane Costa. Publicado pelo canal: Tv Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Eyg7l6KQjGk>. Acesso em: 17 jul. 2022.

BECKER, Beatriz. Todos juntos e misturados, mas cada um no seu quadrado: um estudo do RJTV 1ª edição e do Parceiro do RJ. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 24, p. 77-88, dez. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3996/399641250007.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

BORJA, Jordi. **La Ciudad Conquistada**. Madri: Alianza Editorial, 2003.

CAMPOS, Ricardo. **Porque pintamos a cidade?** Uma Abordagem Etnográfica ao Graffiti Urbano. Lisboa: Fim de Século, 2010.

CAMPOS, Ricardo. Visibilidades e Invisibilidades Urbanas. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 47, n. 1, p. 49-76, jan./jun, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21193/1/2016_art_rmocampos.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

CERQUEIRA, Laerte. **A função pedagógica no telejornalismo** - e os saberes de Paulo Freire na prática jornalística. Insular: Florianópolis, 2018.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

LINHA de frente: o grafite em prol da mulher. 1 vídeo (2 min). Repórter: Gabriela Mayer. Publicado pelo canal Jornalismo TV Cultura, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5qP8-Cxpib0&t=1s>. Acesso em: 17 jul. 2022

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. **Meninas do Graffiti**: Educação, Adolescência, Identidade e Gênero nas Culturas Juvenis Contemporâneas. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, p. 224, 2003.

MATSUNAGA, P. S. As representações sociais da mulher no movimento Hip Hop. **Revista Psicologia & Sociedade**. Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 108-116, 2008.

PABÓN, Jessica N. Ways of being seen: gender and the writing on the wall. In: ROSS, Jeffrey Ian. **Routledge handbook of graffiti and street art**. New York: Routledge, 2016. Cap. 6. p. 78-91.

PROJETO valoriza trabalho de mulheres no grafite na região da Grande São Paulo. 1 vídeo (2 min). Repórter: Maiara Bastianello. Publicado pelo canal: Band Jornalismo, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ufcRlaYHnt4>. Acesso em: 17 jul. 2022.

ROSE, Tricia. **Black noise**: Rap music and black culture in contemporary America. Hanover: University Press of New England, 1994

SILVA, Vivian. **As escritoras de grafite de Porto Alegre**: um estudo sobre as possibilidades de formação de identidade através dessa arte. 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2008. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/1566/1/Vivian_Silva_Dissertacao.pdf. Acesso em: 18 jul. 2022.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. O nacional e o local: Um estudo comparativo sobre telejornais no Brasil. **Revista Latino-Americana de Jornalismo**, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 360 - 379, jul./ dez., 2020.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Telejornalismo local**: um estudo comparativo de quatro telejornais. IX Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR), Universidade Federal de Goiás (UFG), 2019.

TORRES, Natalia Pérez. Nem anônimas nem invisíveis: cidade e mulheres escritoras de graffiti. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 25, n. 55, p. 244-262, 01 set. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/CntvrBxCr4c58jR9pKk5pWz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 jun. 2022.

THOMÉ, Cláudia; SILVA, Edna de Mello; REIS, Marco Aurelio; ANDRADE, Ana Paula Goulart. A cobertura da Covid-19 no Rio de Janeiro: aspectos da rotina produtiva do Telejornalismo Local. **Ámbitos Revista Internacional de Comunicación**, n. 52, p. 71-86, 2021. Disponível em: https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/107664/AMBITO_52_05.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 17 jul. 2022